
A ESTÉTICA DO MOMENTO - SOCIOLOGIA DAS PEQUENAS MANIFESTAÇÕES COTIDIANAS

THE AESTHETICS OF THE MOMENT - SOCIOLOGY OF SMALL EVERYDAY MANIFESTATIONS

LA ESTÉTICA DEL MOMENTO - SOCIOLOGÍA DE LAS PEQUEÑAS MANIFESTACIONES COTIDIANAS

Wanderson Barbosa dos Santos¹

Resumo

Este artigo tem como fio condutor o exame dos ensaios de Georg Simmel e Siegfried Kracauer dedicados à sociologia das pequenas manifestações do cotidiano. A ideia principal é apresentar, a partir da fortuna crítica dos autores, a forma dessa sociologia e sua conexão com os conceitos de ensaísmo e crítica. Defendemos, a partir dos escritos de Simmel e Kracauer, a forma de uma sociologia das pequenas manifestações do cotidiano ou uma sociologia dos microcosmos. Sublinhamos que essa sociologia, ao se dedicar a manifestações efêmeras e marginais, congrega um gesto sociológico e estético de compreensão da realidade histórico-social a partir dos fenômenos fragmentários e de superfície.

Palavras-chaves: Georg Simmel; Siegfried Kracauer; Manifestações do Cotidiano; Microcosmos; Superfície.

Abstract

This article aims to examine the essays by Georg Simmel and Siegfried Kracauer dedicated to the sociology of small everyday manifestations. The main idea is to present, based on the authors' critical fortune, the form of this sociology and its connection with the concepts of essays and criticism. Based on the writings of Simmel

¹ Doutorando pelo em Sociologia da Universidade de Brasília (UNB).

and Kracauer, we defend the form of sociology of microcosms. We emphasize that this sociology, by dedicating itself to ephemeral and marginal manifestations, brings together a sociological and aesthetic gesture of understanding the historical-social reality based on fragmentary and surface phenomena.

Keywords: Georg Simmel; Siegfried Kracauer; Everyday Manifestations; Microcosms; Surface.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo examinar los ensayos de Georg Simmel y Siegfried Kracauer dedicados a la sociología de las pequeñas manifestaciones cotidianas. La idea principal es presentar, a partir de la fortuna crítica de los autores, la forma de esta sociología y su conexión con los conceptos de ensayo y crítica. Partiendo de los escritos de Simmel y Kracauer, defendemos la forma de una sociología de las pequeñas manifestaciones cotidianas o una sociología de los microcosmos. Destacamos que esta sociología, al dedicarse a manifestaciones efímeras y marginales, conjuga un gesto sociológico y estético de comprensión de la realidad histórico-social a partir de fenómenos fragmentarios y de superficies.

Palabras Clave: Georg Simmel; Siegfried Kracauer; Manifestaciones Cotidianas; Microcosmos; Superficies.

INTRODUÇÃO: DO FRAGMENTO AO MOSAICO

O presente ensaio tem como fio condutor o exame dos ensaios de Georg Simmel e Siegfried Kracauer dedicados à sociologia das pequenas manifestações do cotidiano. A ideia principal é apresentar, a partir da fortuna crítica dos autores, a forma de uma sociologia que se orienta a partir de ideias como o ensaísmo e a crítica. Da *Cultura Filosófica* (2020) de Simmel ao ensaio *O Ornamento da Massa* (2009) de Kracauer, podemos assinalar inúmeras correspondências entre os pensadores. A forma ensaística, a aproximação com a sociologia, a visada sobre objetos artísticos e a dedicação aos fenômenos do cotidiano são exemplos de tais correspondências que aproximam Simmel e Kracauer, sobretudo na exposição de uma reflexão estética e sociológica.

Do conjunto de correspondências encontradas nas obras de Simmel e Kracauer, propomos ensaiar os contornos de uma sociologia dedicada as pequenas manifestações da vida cotidiana. O olhar para o objeto cotidiano, superficial e “pequeno”, desvela do ponto de vista de uma análise da história do pensamento, uma tradição intelectual que congrega uma tradição de reflexão que reúne o caráter singular da forma ensaio e da crítica.

Da análise da forma ensaística de Simmel e Kracauer propomos um destaque especial para as possibilidades de suas fortunas críticas no que diz respeito ao

enfrentamento de problemas sociológicos contemporâneos. Observamos a atualidade da sociologia dos fenômenos cotidianos, na medida em que, torna-se mais frequente a crítica ao pensamento sociológico generalizador, da teoria que formaliza a experiência subjetiva e do discurso homogeneizante. O olhar para as pequenas manifestações do cotidiano, na linha de pensamento de Simmel e Kracauer, tenta reabilitar os aspectos da experiência subjetiva na produção de uma interpretação sociológica.

Nos escritos dos autores, a sociologia dos microcosmos não se confunde com uma espécie de atomismo irracionalista que hipostasia a vivência individual. Ao contrário, a sociologia desses autores parte do pressuposto de conexão entre o ponto de partida fragmentário e o cenário histórico social, isto é, trabalham na operação de redes de construção da realidade que entrelaçam os fios entre a experiência e a visão sociológica. O olhar para o fenômeno momentâneo e seus vínculos com uma realidade social mais ampla podem ser vislumbrados nos escritos dos autores através de exemplos como os ensaios sobre *A Psicologia do Coquetismo* (2006) de Simmel e *A viagem e a dança* (2009) de Kracauer.

O diagnóstico que funciona como pressuposto para esses teóricos é que, na modernidade, as configurações sociais se apresentam a partir de dinâmicas efêmeras, formas de associação momentâneas. A sociabilidade, o ritmo do sistema produtivo, a intensificação da vida nas grandes cidades são sintomas da aceleração do tempo. Nesse cenário, o fenômeno cotidiano se dissipa facilmente e imediatamente é substituído por outra experiência. O olhar que combina a descrição estética ao retrato sociológico do cotidiano objetiva “fotografar” as experiências efêmeras do moderno.

O meio para o registro estético do momento é o ensaio em sua inclinação poética. O gesto da sociologia de Simmel e Kracauer congrega de fato um núcleo de descrição literária. Do nosso ponto de vista, tal característica poética dos escritos dos autores advém da adoção da forma ensaio como meio de exposição das experiências históricas presentes no objeto do conhecimento.

A POÉTICA DO ENSAÍSMO

Pensando nas correspondências entre o registro poético e o ensaístico, a obra de Baudelaire se apresenta como parte do cânone no que diz respeito à combinação

de gêneros. Em sua crítica moderna à modernidade, dois escritos do autor ajudam-nos a situar a compreensão dos fenômenos cotidianos e sua significação estética. No poema *A uma passante* (2019), Baudelaire descreve a aparição avassaladora do contato momentâneo no cenário da grande cidade. A mulher que passa e marca o eu lírico com uma experiência significativa: “Um raio... a noite vem! - Beleza fugidia, / Cujo olhar de repente me fez renascer, / É só na eternidade que eu te reveria?” (BAUDELAIRE, 2019, p. 295). Em outro escrito, dessa vez no ensaio *O pintor da vida moderna* (2010), o poeta de *As flores do mal* (2019) apresenta sua definição de modernidade, para ele: “[a] modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável” (BAUDELAIRE, 2010, p. 35, *grifos nossos*).

O fenômeno fugidio reivindica um modo específico para sua apreensão, uma espécie de olhar sensível ao seu movimento, contemplativo das formas vivas da beleza do momento. Nesse âmbito, a forma literária foi um terreno particularmente fértil para a exposição desses retratos do efêmero. Como a poética de Baudelaire que, ainda no século XIX advoga em relação ao protagonismo dos momentos mutáveis, inconstantes e singulares. O momento efêmero, no entanto, pode ser registrado, fotografado como sustenta Kracauer, afinal, mesmo sendo constituído pelas forças dinâmicas do encontro único, eles são portas de entrada para compreensão das manifestações culturais da vida moderna. Nesse aspecto, a literatura do século XIX se encontra com a sociologia de pensadores como Simmel e Kracauer, na medida em que, reconhecem a necessidade do olhar para os fenômenos do microcosmos para a montagem de um mosaico da sociedade.

Tal perspectiva de pensamento encontra-se naquilo de Robert Nisbet (1977) conceitua como uma sociologia como forma de arte. Nessa perspectiva, a sociologia tanto se aproxima de temáticas abordadas antes pela literatura, como também estetiza o conhecimento sobre a sociedade. Assim, elementos de imaginação, criatividade e busca por formas de expressões estéticas, aproximam alguns sociólogos dos artistas. A sociologia como forma de arte busca suas descobertas nos objetos que se encontram marginalizados pelas ciências, o que para Nisbet se coloca como um problema, na medida em que a especialização da ciência moderna impõe tanto uma formação restrita ao cientista como também uma separação enfática entre a “descoberta” da ciência e a busca pela beleza. A sociologia como forma de arte se

contrapõe a esse processo moderno de especialização e sistematização do saber e insere a estética como aliada na formação do pensamento ensaísta e acadêmico.

A noção de dependência entre arte e sociologia apresentada por Nisbet (1977) norteia os caminhos deste ensaio. Afinal, Simmel e Kracauer em suas tentativas de reabilitação da concepção de fragmento e superfície, atuam justamente nas margens do cientificismo moderno. Como pensadores do estético e do concreto, eles contribuem com o desenvolvimento de uma sociologia dos microcosmos, das superfícies e dos fragmentos.

A sociologia das pequenas manifestações do cotidiano parte desse pressuposto: os fenômenos modernos se condicionam a partir de uma lógica efêmera e, por esse motivo, deve-se refletir com um meio que apreenda a realidade em sua condição fugidia. Esse meio é o ensaísmo. O ensaio como forma de pensamento possui duas referências principais: Lukács e Adorno. Pensando alguns paralelos da concepção de ensaio dos dois autores, merece destaque uma certa equivalência entre essa forma de pensamento e o âmbito da arte. O ensaísta, ao se nutrir da poesia, tece seu escrito como se fosse literatura. Nesse aspecto, podemos assinalar o ensaísmo como uma espécie de meio-caminho, ou melhor, uma forma limítrofe que transita entre o mundo literário e as concepções científicas de sua época.

Mesmo sendo uma forma que navega sem âncora, o ensaio atraca no porto da literatura e da ciência e, em seu desembarque, entrega como espólio a crítica. Ele é navegado por um conceito particular de experiência que atua na articulação ambígua, ora harmoniosa, e, ora conflituosa, entre as vivências do autor e o mundo exterior. O entrelaçamento desse conjunto de fragmentos subjetivos e objetivos eclodem num gênero singularmente crítico, na medida em que, o ensaio somente se alicerça a partir do conjunto de conflitos nascentes do choque entre o eu e o mundo.

Lukács (2014), em sua concepção de ensaio, assinala o elemento estrutural da crítica no ensaísmo. Para o autor de *A teoria do romance* (2009), para além da concepção de crítica, o ensaio reúne o conjunto de possibilidades para se caracterizar como obra de arte: na medida em que o ensaísta se dedica às formas, à arte, à alma e aos destinos. A dedicação às formas, portanto, concede ao ensaio as categorias de valor que o aproximam da forma artística, tanto pela poética da exposição da vivência intelectual, como também por sua dedicação aos objetos estéticos.

Por isso esses escritos falam das formas. O crítico é aquele que enxerga o destino nas formas, aquele cuja vivência mais forte é o conteúdo anímico que a forma, indireta e inconscientemente, abriga em si mesma. A forma é sua grande vivência; como realidade imediata, é a forma o elemento pictórico, o que há de realmente vivo em seus escritos (LUKÁCS, 2014, p. 40).

Em outra perspectiva, dessa vez encontrada na fortuna crítica de Theodor W. Adorno, o ensaio como forma contempla o diálogo iniciado por Lukács a respeito da relação entre literatura e arte. Adorno considera o jovem Lukács (ao lado de Simmel e Benjamin), um exemplo de ensaísta que contribui com a defesa de um pensamento dedicado à compreensão do objeto a partir de seus movimentos imanentes. Com uma orientação dupla de crítica e de interpretação, o ensaio para Adorno visa a história do conceito em busca de suas experiências na história. Como um movimento de recuperação, a forma do ensaio se afirma como adequada ao pensamento antissistemático, na medida em que seu objeto de pensamento são os fragmentos, os cacos e as ruínas da história: “[a] descontinuidade é essencial ao ensaio; [...]” (ADORNO, 2003, p. 35). Do pedaço, o ensaísta visa a essência do objeto, naturalmente, mediada pela experiência do pensador e a teoria: “[o] que determina o ensaio é a unidade do seu objeto, junto com a unidade de teoria e experiência que o objeto acolhe” (ADORNO, 2003, p. 36).

Portanto, o ensaio é a forma que reúne as melhores condições para a contemplação das pequenas manifestações do cotidiano, naturalmente, compreendido como fenômenos modernos que se estruturam por meio de lógicas efêmeras. O ensaísta visa essa dedicação ao traço do particular, ao microcosmo como parte do todo. Em outro âmbito, o ensaio como uma forma autônoma, pode se dedicar a objetos do âmbito da arte sem a necessidade de criação da novidade. A crítica precede tal movimento e oferece ao ensaísta a liberdade da interpretação da obra de arte, pois ao contrário da ciência tradicional, ele não visa a pura classificação das determinações e variáveis que compõem o objeto. Na contracorrente, o ensaísta visa o que há de mais singular no fenômeno, seus movimentos, o espírito que o constitui e as forças internas de sua formação. Além disso, cabe ao ensaísta a tarefa de estetização da vida cotidiana. O traço singular da manifestação cotidiana se empobrece na investigação esquemática e sua descrição puramente formal. O ensaísta narra a passagem do momento, poetizando o movimento do objeto.

Em *Fragmentos da Modernidade*, David Frisby (1986), a respeito da forma de pensamento de Georg Simmel, destaca a relação entre estética e teoria social nos

escritos do autor. Ao conferir uma ordem ontológica ao fragmento e a superfície, Simmel as insere no seu amplo entendimento sobre a “sociedade” como rede de associações, nesse sentido, o fragmento passa a ser lido em sua chave de conexão com uma totalidade de seu emaranhado de relações. Para Frisby, tal concepção de fragmento, portanto, pressupõe sempre uma função simbólica com a totalidade na qual, de certa maneira, já está contida na essência do fragmento (FRISBY, 1986). É nessa perspectiva que a sociologia de Simmel reivindica a sociologia que, tanto preenche lacunas do objeto fragmentário, como também contribui para o exame do jogo de experiências envolvidos no ato de conhecer.

A respeito do retrato intelectual de Kracauer e seus ensaios sobre o cotidiano, Chicote (2020) sublinha o papel fundamental de um conceito de crítica no autor e seu papel na compreensão de configurações subjetivas dos objetos analisados por ele. Como defende Chicote, o cotidiano é entendido como o âmbito da verdade para Kracauer e o ensaísta se dedica a mediar suas experiências na compreensão dialética da relação entre sujeito e objeto. Chicote defende que a ideia de mosaico aproxima os escritos de Kracauer das concepções dialéticas de Hegel, Marx e Lukács.

Daí que os aspectos formais de sua crítica, que em sua obra obtêm o nome de “mosaico”, podem ser consideradas como existência subjetiva consciente de categorias cuja existência objetiva também recebem o nome de “mosaico”. Esta compreensão dialética da coordenação sujeito-objeto coloca Kracauer em uma tradição teórica que passa por Hegel, Marx e Lukács, e que supõe que o desejo de mudar a realidade histórica anda de mãos dadas com seu conhecimento objetivo (CHICOTE, 2020, p. 83).

A sociologia junta-se a uma estetização do fragmento, entendido como momento de verdade e mediação para a totalidade. A estetização dos momentos da vida cotidiana presentes nas obras de Simmel e Kracauer destacam a correspondência fundamental entre a exposição ensaística e o caráter poético da interpretação. O jogo de interpretação da vida moderna transparece na tentativa do ensaísta de compor desenhos sobre o cotidiano. Mas, para além do caráter engenhoso desses pensadores, merece relevo a questão da forma do ensaio que materializa as intenções de um olhar estético sobre a sociedade.

Em certo sentido, ao ler a forma ensaio presente na obra de Simmel e Kracauer, observamos uma sociologia que pretende narrar também como literatura. A sociologia-ensaísta, olha, portanto, para as pequenas manifestações do cotidiano como sintoma de uma síntese do contexto histórico-social. Esse momento criativo se

origina a partir do desenvolvimento da ensaística sobre a vida moderna e o entendimento que os momentos singulares do cotidiano somente podem ser apreendidos por uma forma de escrita que combinasse a estética e a sociologia.

SIMMEL E KRACAUER SOCIOLOGIA DAS PEQUENAS MANIFESTAÇÕES COTIDIANAS

Para nosso argumento, importa localizar o ensaísmo sociológico a partir da obra de Georg Simmel e seu papel para o desenvolvimento de uma tradição de pensadores dedicados ao que chamamos de sociologia das pequenas manifestações cotidianas. Por esse ângulo, podemos retomar algumas proposições do livro *Sociologia e Superfície* no qual Patrícia da Silva Santos (2016) apresenta uma importante análise e contextualização da constelação intelectual da sociologia alemã até o ano de 1933. Tomando como objeto os escritos de Kracauer, a autora destaca o papel de Simmel para o cultivo de uma sociologia multifacetada e desprendida das intenções de especialização do objeto de conhecimento. A dedicação aos fenômenos do cotidiano, segundo a autora, parte da sociologia das formas de socialização de Simmel e se materializam como um pensamento antissistemático. Na recepção de Kracauer das lições simmelianas, a sociologia se combina ao ensaio tendo em vista o exame dos fenômenos de superfície: “[o] olhar que Kracauer lançou sobre as manifestações de massa é informado pela teoria simmeliana de que as formas, sejam elas culturais, religiosas, artísticas etc., correspondem ao estágio de desenvolvimento histórico” (SANTOS, 2016, p. 59).

O papel central de Simmel para a sociologia das pequenas manifestações cotidianas, lembra o comentário de Habermas (2015) sobre o legado do pensador berlinense. No argumento de Habermas há uma chave importante para o prosseguimento do fio de nosso argumento: “Simmel foi mais um inspirador do que um autor ‘sistemático’ - mais um diagnosticador filosofante da época com impacto sociológico que um filósofo e sociólogo enraizado solidamente no domínio científico” (HABERMAS, 2015, p. 237). Como sublinha Habermas, ao se posicionar de forma “flutuante” no cenário científico da sociologia, o pensamento simmeliano passa a se vivificar dessa posição de entremeio. São inspirações da arte, da poesia e da filosofia que dão forma ao ensaio do autor: “seus trabalhos deram o impulso que, de Lukács a

Adorno, levaram à reabilitação do ensaio científico como forma” (HABERMAS, 2015, p. 239).

Se para Habermas o pensamento de Simmel pode ser definido a partir de uma espécie de dualidade entre ensaio e ciência, arte e sociologia, para Wolf Lepenies (1996) em outra perspectiva, o pensamento do autor da *Filosofia do dinheiro* (1958 [1900]), pode ser lido como uma tentativa de mediação entre poesia e ciência. O estudo de Lepenies (1996) aponta uma intenção de Simmel em apresentar seus ensaios como “obras de arte”, especificamente na elaboração estética de sua sociologia. Como destaca Lepenies em seu livro *As Três Culturas* (1996), a fortuna crítica de Simmel pode ser lida como um esforço para a mediação entre a esfera da arte e da ciência. O resultado é um ensaio que se propõe poético e a forma intelectual que congrega o artista sociológico e o poeta cientista.

Simmel desenvolve, portanto, uma forma de ensaio arqueável a um novo conjunto de objetos e fenômenos e é na aliança com a sociologia que tal postura intelectual visa o fenômeno cotidiano como narrativa estética. Assim como a obra de arte que se define pela apresentação singular e rara, as pequenas manifestações do cotidiano passam a ser lidas na mesma dinâmica. Há, nessa perspectiva, uma equivalência entre o gesto da obra de arte e o da efemeridade do traço do cotidiano. O que aproxima ambas as coisas são os contornos estéticos particulares que definem tanto a arte como as manifestações de superfície. O ensaísta orientado pela perspectiva de Simmel, então, investe suas forças intelectuais numa narração do instante, apreciando tanto o valor poético das formas, como seu significado para as sínteses de época.

Outra vez a referência ao livro *Sociologia e Superfície* (2016) se mostra essencial para o desenvolvimento da questão. Patrícia da Silva Santos (2016) dispõe a importante tese a respeito de uma conexão epistemológica entre Simmel, Kracauer e Benjamin. Na forma de excuro a autora sublinha que a herança crítica de Simmel pode ser vista na forma de conhecer o objeto que contempla sua “vivência” singular e a articula no conjunto de reflexões sobre a cultura (SANTOS, 2016, p. 62). A herança epistemológica salientada por Santos (2016) também indica na exposição assistemática um ponto comum entre Simmel, Kracauer e Benjamin. Nessa perspectiva, os ensaios voltados para as manifestações de superfície são escritos em um duplo espírito: inicialmente são peças fragmentárias de um conjunto e,

posteriormente, são reconstruídas de suas partes descontínuas num mosaico de pensamento.

Para o ponto que nos interessa neste ensaio, o reconhecimento da ponte epistemológica entre Simmel e Kracauer é importante para entender os contornos de seus ensaios sobre as pequenas manifestações cotidianas e seu significado para a sociologia. Ainda assim, é no aspecto epistemológico que podemos unir dois fios argumentativos que foram desemaranhados ao longo deste ensaio: o ensaísmo e a experiência. O ensaio une as experiências do escritor e as do objeto num movimento de compreensão de processos, como destaca Lukács sobre o entrelaçamento da experiência e a crítica na forma ensaio: “[o] ensaio é um tribunal, mas sua essência, o que decide sobre seu valor, não é, como no sistema, a sentença, e sim o processo de julgar” (LUKÁCS, 2014, p. 50).

No ensaio *O Curioso Realista* (2009), que Adorno dedica a Siegfried Kracauer, um conceito de experiência aparece ligado à sua concepção na sociologia de Simmel. Para Adorno (2009) a experiência deve ser lida como *medium*, isto é, uma mediação intelectual que permite ao pensador preencher as lacunas do objeto. Simmel é o exemplo dessa ensaística que tem como alicerce a experiência como *medium*.

Devia a Simmel não apenas a capacidade de interpretar fenômenos específicos, objetivos, voltando-se para aquilo que neles, segundo essa concepção, aparece em estruturas universais. Era-lhe, além disso, devedor de uma atitude de pensar e expor que, com demorado desvelo, articula um elo com o outro, mesmo lá onde elos intermediários atravancam o movimento do pensamento, onde o andamento poderia tornar-se tenso: pensar com o lápis na mão (ADORNO, 2009, p. 8).

Essa forma de pensar com o lápis na mão, isto é, da exposição por meio do rascunho, da visada para a produção de conhecimento que não objetiva o aprisionamento do objeto numa jaula sistemática, é muito particular do pensamento ensaísta de Simmel e Kracauer. Naturalmente, a vocação para essa forma de ensaio não é um traço exclusivo desses dois autores. Podemos pensar em outros, como o jovem Lukács, Walter Benjamin e Theodor W. Adorno.

Um breve rascunho de nossas ideias serve como ponto de passagem para o olhar para os ensaios sobre as pequenas manifestações cotidianas de Simmel e Kracauer. O porto no qual estão ancoradas as ideias de ensaio até aqui são: a compreensão da forma ensaio a partir dos conceitos de experiência, crítica e mediação; uma raiz epistemológica que une o pensamento ensaístico de Simmel e

Kracauer; o entendimento do objeto cotidiano, da manifestação de superfície e do fenômeno efêmero como microcosmo reflexivo. Esses traços rascunhados que, naturalmente, se combinam com outros, montam uma primeira parte do retrato intelectual que propomos. É em Simmel que observamos uma proposta de pensamento que visa um olhar aprofundado para o caráter singular dos objetos e uma visada que não objetiva o estabelecimento do ponto final.

[...] a cultura filosófica precisa, em todo caso, manter a sua labilidade, precisa poder, diante de cada teoria singular, olhar para trás e retornar aos traços funcionais que todas elas têm em comum. *Os resultados do esforço podem ser fragmentários, mas o esforço não o é* (SIMMEL, 2020, p. 21, grifos nossos).

A partir de Simmel projetamos o tronco comum para a sociologia das pequenas manifestações cotidianas dos quais podemos derivar diversas ramificações nos escritos de Kracauer, mas também de outros pensadores da modernidade como Walter Benjamin².

A sociologia ocupa no pensamento de Simmel e Kracauer um papel fundamental, porém, não único. Como pensadores assistemáticos, seus ensaios dificilmente podem ser situados somente num âmbito restritivo das ciências do espírito. O ensaísmo dos autores é, portanto, multifacetado, condição que permitiu a eles uma dedicação intelectual a objetos não vistos como pertencentes a sociologia cientificista do período. Na valorização de objetos marginais, Simmel e Kracauer atuavam na contracorrente de um pensamento sociológico essencialmente preocupado com processos macrosociais da modernidade. Em outra perspectiva, é na pequena manifestação do cotidiano que eles visam apreender os movimentos dos processos sociais. Nesse sentido, olham para objetos marginalizados por uma visão sociológica mais tradicional. Simmel e Kracauer olham para as manifestações cotidianas visando suas dinâmicas singulares e, nessa perspectiva, reabilitando novos âmbitos para a sociologia, por exemplo, objetos estéticos.

² No ensaio *O todo e as partes - a forma ensaio e seu significado sociológico no pensamento de Georg Simmel e Walter Benjamin* (2021), foram analisadas as afinidades intelectuais entre os dois pensadores e as correspondências no que diz respeito a forma ensaio. O conceito fundamental que atua como ponte entre os dois pensadores é o de constelação (ou configuração), entendida como molde de pensamento ligado à forma do ensaísmo que visa o estabelecimento de conexões entre os fragmentos descontínuos da realidade. A constelação é, portanto, um modo de interpretação de ideias e valorização da experiência histórica inseridas nos fragmentos (SANTOS, 2021).

O ensaio *Psicologia do Coquetismo* de Simmel (2006) transparece alguns atributos a respeito da lógica singular das pequenas manifestações do cotidiano. Ao olhar para o fenômeno do coquetismo, Simmel observa o movimento pendular dessa forma de relação social: se por um lado a sedução opera de forma lúdica para a revelação do querer agradar, por outro lado, ela somente se concretiza na medida que o desejo se coloca de forma tímida, como se fosse um segredo. Nesse jogo de sedução entre os indivíduos, o coquetismo existe como fenômeno flutuante, na medida em que, depende de uma fina tessitura de relacionamento entre impulsos de recepção e repulsa, proximidade e afastamento. Quando um dos impulsos é superado, seja na entrega definitiva entre os amantes ou na objeção definitiva, o movimento pendular do coquetismo, como fenômeno momentâneo, decididamente desaparece. Ele somente pode existir em sua não realização, na medida em que é um fenômeno cotidiano de entremeio.

A ideia é pensar o coquetismo como um microcosmo do qual pode-se interpretar o jogo de relações sociais entre indivíduos. Sua dinâmica interna é a do prazer da conquista, porém, numa sedução que se mantém no plano de uma fantasia contínua. A troca de olhares, os gestos, o movimento do corpo, nesse sentido, visam manter o jogo de interesses. O espírito do coquetismo é uma forma de sedução sem diretriz. Uma passagem do ensaio de Simmel é significativa para compreendermos seu olhar para essa forma de relação social. Nela o autor mira sua narração no olhar da coquete: “[e]le tem a atração do segredo, do furtado, que não pode ter duração, onde, por conseguinte, o sim e o não estão intimamente mesclados” (SIMMEL, 2006, p. 96). O próprio olhar no coquetismo congrega sua existência dualista, distanciamento e aproximação, desejo e desinteresse, prazer e sofrimento. Tal condição no dualismo, o pêndulo das formas de socialização entre indivíduo, segue o atributo mais abrangente dos encontros efêmeros da modernidade.

Do encontro efêmero entre indivíduos, a fantasia e as convenções sociais são mobilizadas no interior de sua forma. Desse pequeno conjunto de gestos que configuram o comportamento de sedução, Simmel extraiu inúmeros significados sociológicos. Seu ensaio narrativo visava apreender o conjunto de fios que compõem o tecido das formas de socialização. No ensaio de 1909 que analisamos já há um exemplo do gesto sociológico de Simmel e sua combinação com uma narração artística atenta aos detalhes e as manifestações mais ínfimas das relações sociais.

No ensaio *A Aventura* Simmel (2014a) mostra, a partir do exemplo do ato de se aventurar, como convergem sentidos da experiência subjetiva e o significado sociológico do embate com o desconhecido. O tipo sociológico do aventureiro se apresenta, assim, como uma forma de extrapolar os âmbitos cotidianos da vida, na medida em que, como uma forma, ele visa o desconhecido numa combinação singular entre realidade objetiva e sonho. Para Simmel, a realidade objetiva se dilui processualmente na medida em que o aventureiro incorpora o espírito do momento incalculável e da configuração totalmente nova.

No ensaio sobre a aventura, Simmel equivale o aventureiro ao artista e ao filósofo. Para ele, ambos congregam o mesmo gesto: “[...] pois a essência da obra de arte é que ela recorta um pedaço da linha infinitamente contínua da plasticidade e da experiência [...]” (SIMMEL, 2014a, p. 171). A aventura como desdobramento da experiência subjetiva, uma forma sem diretriz de conhecimento, se aproxima da filosofia pois o pensador conclama o “insolúvel”, isto é, um ensaio para o conhecimento da alma. A aventura não pode ser objetiva, na medida em que ela não é um fim. A forma da aventura é meio de experiência: “[o] que é decisivo para este fato é que a aventura, segundo sua essência e seu encanto específicos, é uma forma de experiência” (SIMMEL, 2014a, p. 179).

Do desenho mais singular da forma da aventura podemos pensar no seguinte fio argumentativo: a aventura é uma forma aberta de formação, em razão do espírito do imponderável tensionar a criação de um conjunto de experiências novas. A aventura também compõe o repertório das pequenas manifestações cotidianas como fenômeno efêmero e elaborado no reino simbólico. A forma da aventura é adversária do fenômeno ordinário, isto é, comum a todas as coisas. Ela se movimenta a partir de sua lógica singular sendo intransferível entre os indivíduos. Não se pode confeccionar um manual de aventuras, na medida em que, a própria imposição de um caminho para o aventureiro se mostra contraditória com seu espírito. A aventura é uma forma que demanda sempre sua singularidade, requisitando sempre um movimento que é alógico.

No âmbito das pequenas coisas encontramos desde os gestos até os resíduos materiais da cultura do passado. Esse tipo de ensaio, portanto, possui como característica tanto a perspectiva do olhar para o objeto como síntese, como também se voltam para a condição fossilizada da cultura do passado, isto é, para as formas

antigas presentes como experiências do objeto. Esse é o caso do ensaio *A Ruína* de Simmel (2014b). Nele o vestígio arquitetônico é lido a partir da chave da preservação da cultura no embate entre as forças da cultura e da natureza.

As ruínas sintetizam uma reviravolta no âmbito das artes arquitetônicas: são fragmentos de uma obra de arte tornam-se novas totalidades mesmo em sua caracterização descontínua. O vestígio arquitetônico, assim, são para Simmel novas totalidades da arte na qual cultura e natureza passam a coexistir: “[d]ito de outra maneira: o que constitui a sedução da ruína é que nela uma obra humana é afinal percebida como um produto da natureza” (SIMMEL, 2014b, p. 137). Ao reunir cultura e natureza num fragmento específico, a ruína se apresenta a partir de um dualismo específico, de acordo com o olhar de Simmel: é tanto afastamento do espírito objetivo, na medida em que a obra é constituída por um processo de decomposição e destruição natural, ao mesmo tempo que a natureza somente se afirma no abraço com a alma humana.

O fragmento arquitetônico, visto na tradição da sociologia das pequenas manifestações do cotidiano, congrega ainda um outro dualismo: a relação entre o passado e o presente. Diz Simmel: “[a] ruína cria a forma presente de uma vida passada, não segundo seus conteúdos e restos, mas segundo seu passado como tal” (SIMMEL, 2014b, p. 141). Como vestígio, a ruína sintetiza a processualidade da cultura e seu caráter transitório, mas que, por outro lado, sublinha o papel das permanências e da cultura, mesmo que em aspecto vestigial. A visada de Simmel sobre as ruínas é decisivamente estética e sociológica. Há no pano de fundo de seu ensaio um sentido de explicação histórico da arte e outro de sociologia da arte.

O coquetismo, a aventura e a ruína devem ser lidos como formas de apresentação das pequenas manifestações do cotidiano. Um olhar insinuante, a decisão de sair sem diretriz ou o vestígio da história cultural, a partir do olhar da sociologia das pequenas manifestações cotidianas, são lidos como fragmentos do mosaico da cultura. Ao pensador cabe a composição das peças descontínuas e sua montagem numa totalidade efêmera. Nesses pedaços da cultura podemos encontrar alguns sentidos perdidos. O pedaço tem uma relação enigmática com a totalidade. A sociologia das pequenas manifestações do cotidiano enfrenta tal enigma visando o estabelecimento dos fios que enredam o tecido cultural.

Ao voltarmos nosso olhar para os escritos de Kracauer e sua relação com a sociologia das pequenas manifestações do cotidiano, podemos assinalar uma relação biográfica e intelectual do autor com Simmel. Na mesma linha que o argumento de Santos (2016) em *Sociologia e Superfície*, propomos apresentar o caráter singular do ensaísmo de Kracauer. Esboçaremos algumas reflexões a partir de alguns ensaios como *Os empregados* (2008), *Ornamento da Massa* (2009) e o livro *Jacques Offenbach e Paris de seu tempo* (1994). Essas obras, lidas na constelação de escritos de Kracauer, iluminam uma série de questões presente neste ensaio a respeito das teses sobre a sociologia das pequenas manifestações cotidianas.

O conjunto de ensaios que compõem o livro *Os empregados* pode, numa leitura imediata, parecer de forma dissonante em nossa abordagem. Afinal, o título faz menção a um elemento totalmente atinado ao objeto de estudo de uma sociologia tradicional, isto é, o estudo dos estratos médios e as formas de organização de classe. Até aqui estamos nos acostumando a ensaios dedicados a pequenos gestos do cotidiano, a arte e a artefatos culturais. O ensaio de Kracauer é engenhoso na combinação entre a sociologia e o ensaísmo dedicado às pequenas manifestações. Essa aparente identificação com a produção tradicional da sociologia, no entanto, imediatamente se dilui nas primeiras páginas do livro. Kracauer propõe uma análise da situação dos estratos médios berlineses, a classe de funcionários que emerge da burocracia e do trabalho liberal foram para Kracauer o mote para a apresentação de um retrato de fragmentos da modernidade.

O traço ensaístico da sociologia das pequenas manifestações cotidianas encontra-se na forma de composição que Kracauer (2008) adota no livro: a realidade é lida como um retrato em construção. O argumento, nesse sentido, congrega testemunhos, filmes e romances que contribuem com a construção de uma imagem dos empregados de Berlim. Para Kracauer, cada empregado representa um microcosmo de sentidos da realidade na qual uma visão mais generalista sobre sua situação, inevitavelmente, pauperizaria os contornos mais circunscritos da sua subjetividade. O livro, portanto, apresenta um movimento contínuo entre o momento singular da experiência individual e seu diálogo com os âmbitos mais abrangentes, no que Kracauer defende uma interpretação da sociedade a partir de seus extremos.

A realidade é uma construção. Certamente a vida deve ser observada a fim de que a realidade se constitua. Mas esta de nenhum modo se encontra

construída na série de observações mais ou menos casuais que conformam a reportagem; antes bem, se encontra única e exclusivamente no mosaico que se compõe a partir das observações individuais, sobre a base de conhecimento do conteúdo da realidade. A reportagem fotografa a vida; um mosaico como esta seria sua imagem (KRACAUER, 2008, p. 117-118).

Na sociologia de Kracauer o conhecimento é construído como um mosaico, ou seja, se forma a partir de fragmentos do microcosmo social. Esses mosaicos, porém, são imagens efêmeras, narração estética do momento. Para Kracauer o conhecimento é construído a partir de fragmentos e sua apresentação se dá como uma fotografia. A valorização do mosaico e do fragmento aproximam os escritos de Kracauer a outros ensaístas como, por exemplo, Walter Benjamin que pensa o objeto do conhecimento a partir de seu movimento imanente. É uma das formas de assinalarmos heranças intelectuais para olharmos para os aspectos referentes à construção do conhecimento, algo que já mencionamos nas páginas propedêuticas deste ensaio a respeito de possíveis pontes entre Simmel e outros pensadores. Voltando a Kracauer, a sua engenhosidade ensaística põe relevo a essas construções reflexivas sobre a realidade, como no livro sobre Jacques Offenbach.

Em *Jacques Offenbach e a Paris de seu tempo*, Kracauer (1994) apresenta a proposta inovadora de uma biografia da sociedade [*Gesellschaftsbiographie*] tomando como mote a vida de Jacques Offenbach. O gênero da biografia se expande em seu trabalho, na medida em que abarca a sociedade pelo prisma da trajetória de um artista. Nesse percurso, importa para o autor a construção da atmosfera parisiense e uma minuciosa narração da modernização da cidade, as novas construções, sociabilidades e dilemas cotidianos enfrentados pelos indivíduos. O mosaico de Kracauer toma uma outra forma: os pedaços são compostos por fragmentos da experiência cotidiana. A nota sobre a transformação arquitetônica de Paris dá o tom do mosaico de experiência. As novas construções que visam dar maior fluidez para o consumo de mercadorias e a fabricação de desejo da capital parisiense empurra os indivíduos para um constante sentimento de não-pertencimento na cidade. O *boulevard* é visto sob esse prisma por Kracauer, na medida em que é símbolo máximo da racionalização econômica moderna e ao mesmo tempo se apresenta como território de desenraizamento subjetivo. Em meio a essa interpretação da

modernidade Kracauer situa a solidão de Offenbach e sua *exterritorialidade* na cidade³.

Nas dicotomias entre contexto social e experiência subjetiva, Kracauer escolhe o caminho do indivíduo para sua interpretação da modernidade parisiense. É como se sua sociologia não pudesse se desprender de um microcosmo específico para, no caminho investigativo, esboçar seus movimentos mais singulares. A ousada defesa de uma proposta de biografia da sociedade expõe de antemão os caminhos da sociologia das pequenas manifestações cotidianas de Kracauer, na medida em que a história-social de uma cidade passa a ser narrada pela ótica da trajetória do indivíduo.

O jogo interpretativo desse ensaio pode ser sintetizado em duas possibilidades artísticas da pintura: o panorama e o retrato. Enquanto o panorama mostra uma visão ampla que denota existência coletiva aos personagens, o retrato se dedica aos aspectos minuciosos do contorno singular, da feição única e do detalhe que caracteriza. O primeiro se permite as distorções do olhar mais abrangente. O segundo visa a composição mais próxima do modelo original. Se pensarmos no exemplo da literatura, para caminharmos no detalhe do argumento, o primeiro gesto, o da generalização, pode ser lido como os personagens coletivos da literatura a exemplo dos encontrados em *Os miseráveis* (2014) de Victor Hugo. Seus personagens sempre são representantes de algo a mais e suas ações incorporam um espírito de coletividade. Numa outra perspectiva temos a literatura que narra o microcosmo, como *Madame Bovary* (2011) de Gustave Flaubert na qual o leitor se vê no emaranhado dos embates mais íntimos da personagem, a formação da subjetividade e os percalços de sua afirmação em relação aos costumes sociais. A trama se dá no âmbito das pequenas manifestações do indivíduo e a afirmação de sua personalidade. O ensaísmo de Kracauer, pensando nas imagens dos exemplos mencionados, caminha na perspectiva do retrato sociológico e do romance que narra os sentimentos e complexidades do objeto singular.

A ensaística de Kracauer se situa no âmbito das pequenas coisas. No argumento de *O Ornamento da Massa* podemos ler tal predileção do autor a partir da

³ Machado (2007) apresenta a questão da exterritorialidade de uma perspectiva da leitura dos ensaios de Kracauer e do jovem Lukács. Para o autor, na produção ensaística de Kracauer há como foco fornecer espécies de mosaicos sobre as transformações da modernidade. O indivíduo na modernidade, em sua condição transcendente, foi interpretado por Kracauer a partir de uma visada rumo às suas singularidades. No conceito de exterritorialidade emerge a perspectiva de apresenta o momento singular da modernidade, a partir de Jacques Offenbach, ao mesmo tempo em que são apresentados uma experiência sociológica de uma época (MACHADO, 2007, pp. 205-206).

definição de manifestação de superfície: “[o] lugar que uma época ocupa no processo histórico pode ser determinado de modo muito mais pertinente a partir da análise de suas discretas manifestações de superfície do que dos juízos da época sobre si mesma” (KRACAUER, 2009b, p.91). As manifestações de superfície são a chave para a compreensão de seu método de apreensão da realidade. A pequena manifestação singular é o primeiro passo da composição do mosaico de fragmentos. No argumento de *O Ornamento da Massa* subjaz uma ponte com o pensamento de Simmel no que diz respeito à ideia de interpretação de superfície e o caráter impermanente da ensaística.

[...] é presunçoso achar que o aprofundamento a partir da superfície da vida, a escavação de camada após camada de ideia subjacente a cada um de seus fenômenos, isso a que se pode chamar de interpretação - que isso, enfim, teria de levar necessariamente a um ponto final e que este flutuaria desamparado no ar, se não fosse direcionado por um desses pontos (SIMMEL, 2020, p. 21).

A visada em relação aos fenômenos de superfície aproxima Simmel de Kracauer inclusive no que diz respeito a adoção da forma ensaio como meio de exposição “sem ponto final”. Vejamos a forma como o estudo de superfície aparece nos escritos de Kracauer.

Em outro ensaio que compõe *O Ornamento da Massa*, dessa vez o texto intitulado *A viagem e a Dança*, Kracauer (2009) busca apontar em duas manifestações de superfície adotadas pela sociedade burguesa os significados para o estabelecimento de uma síntese de época. A viagem é instrumentalizada pelos estratos burgueses na tentativa de, por um lado, proporcionar o “desligamento” de sua situação cotidiana e, por outro lado, como forma de obtenção de “experiências”. No que diz respeito a manifestação da dança, o autor observa a sua transformação em um conteúdo em si, isto é, a dança deixa sua forma de apresentação objetiva de uma época e passa a se expressar apenas pela questão do movimento e ritmo: “[s]e, nos seus inícios, a dança era um ato de culto, hoje é um culto do movimento; se anteriormente o ritmo era uma declaração psicoerótico, hoje o ritmo satisfaz a si mesmo [...]” (KRACAUER, 2009a, p.83).

Em seu momento de aparência, a viagem e a dança representam duas formas de gozo da liberdade. A liberdade de trânsito e ampliação dos conteúdos subjetivos por meio da viagem e a liberdade do movimento do corpo por meio da dança contemporânea. Embora, de fato, essas manifestações de superfície indiquem tais

possibilidades da liberdade da sociedade burguesa, Kracauer encontra um significado oculto para elas. Da aparência de uma total libertação do indivíduo ambas, a dança e a viagem, se concretizam em expressões de formalização e disciplinarização do movimento na sociedade burguesa. A viagem na sociedade moderna não pode ser mais caracterizada por um ideal de aventura (como aquele apresentamos a partir do ensaio de Simmel), afinal, todo o percurso encontra-se de antemão já pré-estabelecido. A experiência, portanto, está condicionada a um manual pré-fabricado somente adaptado à situação do indivíduo moderno. De forma semelhante a dança contemporânea, liberta dos movimentos e ritmos da tradição, desemboca no que Kracauer chama de trama alienada que passa a gerir o desejo de liberdade dos estratos médios.

Enquanto oferece uma apresentação sobre a realidade a partir da pequena manifestação cotidiana, o ensaísmo de Kracauer prepara a crítica como uma segunda face de seus escritos. Se a partir do fragmento o autor elabora formas de apreensão da realidade, sua narração do fenômeno de superfície congrega também uma concepção de teoria crítica. No caso do ensaio *A viagem e a Dança*, Kracauer critica a tendência à formalização da sociedade burguesa nas expressões que sugerem uma “mecanização da vida”. O diagnóstico decorrente da interpretação da viagem e da dança é o da racionalização da vida na sociedade burguesa. Tal perspectiva aproxima Kracauer da contribuição de Georg Simmel e Max Weber revelando novamente as afinidades entre o seu ensaísmo e um modo de pensamento sociológico. O problema sociológico da submissão da vida à técnica moderna toma o seguinte contorno: “[a] técnica torna-se fim em si mesma que dá origem a um mundo que, dito de modo vulgar, não deseja mais que a tecnização de todos os acontecimentos” (KRACAUER, 2009, p. 86).

O ensaio que tem como objeto a pequena manifestação de superfície tem no seu início o pedaço fragmentário da realidade e ao final “fotografa” uma imagem sociológica. Do pedaço o ensaísta visa a essência e com o caco ele monta seu mosaico. Assim, sobre as formas da viagem e da dança na sociedade burguesa, Kracauer as examina como meios de racionalização e disciplinamento da vida que não são vistos dessa forma pelos “modernos”. O movimento que apreende da superfície o modo de dinâmica de operação da técnica moderna e seu papel como

alienação: “[o]s homens civilizados, por assim dizer, encontram hoje na viagem e na dança um substituto para aquela esfera que os nega” (KRACAUER, 2009, p. 87).

A sociologia das pequenas manifestações cotidianas tem nos escritos de Kracauer a forma da composição do mosaico, ao reunir os pedaços num todo sociológico, e da fotografia, ao compor uma cena que é representante estética e sociológica de um momento. Os retratos sociológicos construídos nesses ensaios visam a montagem de uma imagem representativa de um microcosmo estético e sociológico.

TEXTOS SEM PONTO FINAL

Dos contornos até aqui discutidos a respeito da sociologia das pequenas manifestações cotidianas, propomos esboçar um rascunho conclusivo. A narração de momentos efêmeros e a dedicação ensaística aos objetos de superfície, vistos sob o prisma de tradição de Simmel e Kracauer, contribuem com uma sociologia que se dedica a objeto que chamaremos de fenômenos do microcosmo. Essa sociologia do microcosmo atua no mesmo terreno do ensaísmo ao se dedicar a um objeto inespecífico. Ideias, literatura, comportamentos, artes, paisagens, vida cotidiana, são fontes para o ensaísmo de interpretação e também para a sociologia do microcosmo. Entremeio do ensaísmo e da sociologia é o informe procedimental do pensamento que tateia o objeto e o examina por diversos ângulos, ou seja, o balanço entre a interpretação do fragmento e o movimento de composição como “constelação” em Simmel ou como “mosaico” e “fotografia” em Kracauer. Esses autores pensam nos movimentos e conexões encontrados em seus fenômenos singulares, na medida em que são vistos como fios de composição de um tecido. Embora haja uma perspectiva de construção da realidade por meio do fragmento, tal possibilidade sempre se concretiza como um processo e não como um resultado. Em outras palavras, a sociologia das pequenas manifestações cotidianas tem em sua obra a produção de imagens efêmeras de um momento, sendo o próprio ensaio o desfecho parcial da “busca”.

Em *Cultura Filosófica* (2020), Simmel faz menção a uma fábula que contribui na compreensão, tanto da sua forma ensaio, como também da sociologia das pequenas manifestações cotidianas que examinamos neste ensaio.

Numa fábula, um camponês à beira da morte diz aos seus filhos que havia um tesouro enterrado em sua gleba. Eles então escavam e revolvem bem fundo toda a terra, sem encontrar o tesouro. Mas no ano seguinte a terra assim lavrada dá três vezes mais frutos. Isso simboliza a linha metafísica aqui indicada. Não encontraremos o tesouro, mas o mundo que escavamos à sua procura dará ao espírito três vezes mais frutos - mesmo se, na realidade, o interesse não se prendesse afinal ao tesouro, mas sim a que esse cavar seja a necessidade e a determinação interior do nosso espírito (SIMMEL, 2020, p. 21-22).

A sociologia das pequenas manifestações cotidianas, portanto, se concretiza como uma visada para a compreensão dos movimentos do objeto, seus processos e suas formas de determinações singulares. Um pensamento sem ponto final.

Ao longo do ensaio, vimos, portanto, o entrelaçamento da forma de pensamento ensaísta e a sociologia se estabeleceu a partir da crítica e da dedicação aos objetos de superfície. Tais temas são partes constitutivas da constelação da sociologia das pequenas manifestações do cotidiano analisando tendo como fonte os escritos de Simmel e Kracauer. A partir do exame dos ensaios e de seu horizonte histórico, podemos apontar a atualidade do programa de pensamento da sociologia dos microcosmos.

Um primeiro aspecto referente a sociologia dos microcosmos é sua perspectiva de conexão com o ensaísmo de interpretação. Sem a pretensão de estabelecimento da tese cientificista, fechada e generalizadora, o ensaísmo sociológico se mostra como uma forma mais sensível para o tratamento de objetos cotidianos e fenômenos da cultura. O que fortalece tal perspectiva é a combinação singular entre a visada estética e a sociológica. No âmbito da estética, o ensaísta se dedica à narração dos movimentos imanentes do objeto. No que diz respeito a sociologia, o autor opera com ela o jogo de conexões entre os fragmentos, estabelecendo assim as imagens, “fotografias” e os mosaicos de pensamento.

Outro aspecto da atualidade dessa sociologia que examinamos do texto, diz respeito a sua possibilidade de apresentação de resposta ao problema da apreensão do conhecimento, especificamente aquela que se refere a objetos efêmeros. Como vimos, esses pensadores partem do diagnóstico de Baudelaire sobre o caráter efêmero das relações modernas para propor uma espécie de olhar para essas pequenas manifestações, sejam elas de superfície, sejam elas manifestações do cotidiano. Nesse sentido, a proposição intelectual para o problema, seguindo Simmel

e Kracauer, é a descrição do microcosmo como ponto de partida para a reflexão e o movimento de crítica imanente ao conjunto de interpretações do ensaio. A alternativa acompanha a apresentação por meio do ensaio que se situa na fronteira entre ciência e literatura. Naturalmente, tal perspectiva parte do pressuposto enfático da sociologia como uma ciência da cultura e, nesse sentido, se estrutura a partir de um conceito de crítica e de elementos da experiência.

Derivado do último ponto, isto é, da tessitura que conecta o ensaísmo às ciências da cultura, podemos pensar uma outra contribuição dessa sociologia dos microcosmos de Simmel e Kracauer, a saber: a ideia de narração dos fenômenos cotidianos. A ideia de narração tem sua herança na perspectiva poética do ensaísmo, que se apresenta como se fosse arte. Em tal perspectiva, nossos autores são representativos de uma tradição sociológica que estetiza as pequenas manifestações do cotidiano, valorizando as formas de socialização efêmeras e a perspectiva do fenômeno de instantes.

Ao longo de todo ensaio procuramos destacar a ideia de sociologia das pequenas manifestações cotidianas e os fios que a conectam com a concepção de ensaio, a crítica e a estética. Como mostramos, Simmel e Kracauer são decisivos para o desenvolvimento dessa sociologia que visa os objetos de superfície da modernidade. O fragmento é na perspectiva dos autores objeto de uma dupla visada: estética e sociológica. Portanto, do problema da efemeridade das relações da modernidade, Simmel e Kracauer apresentam uma perspectiva propositiva para a apreensão desses objetos, a saber: uma sociologia crítica que se dedique aos movimentos imanentes do objeto, rascunhando e narrando seus momentos mais singulares. Textos sem ponto final.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O curioso realista. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 85, p. 5-22, nov. 2009.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHICOTE, Francisco M. G. Objeto y sujeto en Siegfried Kracauer. **Pandaemonium Germanicum**. São Paulo, v. 23, n. 39, p. 57-85, jan. – abr. 2020.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary: costumes de província**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FRISBY, David. **Fragments of Modernity**: Theories of Modernity in the Work of Simmel, Kracauer and Benjamin. Cambridge: MIT Press, 1986.

HABERMAS, Jürgen. **Textos e contextos**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

HUGO, VICTOR. **Os miseráveis**. São Paulo: Seguinte, 2014.

KRACAUER, Siegfried. A viagem e a dança. In: **O Ornamento da Massa**: ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009a.

KRACAUER, Siegfried. O Ornamento da massa. In: **O Ornamento da Massa**: ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009b.

KRACAUER, Siegfried. **Jacques Offenbach und das Paris seiner Zeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994.

KRACAUER, Siegfried. **Los empleados**. Barcelona: Gedisa, 2008.

LEPENIES, Wolf. **As Três Culturas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LUKÁCS, Georg. Sobre a essência e a forma do ensaio: Carta a Leo Popper. **Revista Serrote**, n. 18, nov. 2014.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. A exterritorialidade como condição do apátrida transcendental. Sobre Kracauer e Georg Lukács. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v.34, n.27, p. 181-206, 2007.

NISBET, Robert. **Sociology as an Art Form**. New York: Oxford University Press, 1977.

SANTOS, Patrícia da Silva. **Sociologia e superfície: uma leitura dos escritos de Siegfried Kracauer até 1933**. São Paulo: Unifesp, 2016.

SANTOS, Wanderson Barbosa dos. O todo e as partes: a forma ensaio e seu significado sociológico no pensamento de Georg Simmel e Walter Benjamin. **Revista Sociologias Plurais**, v. 7, n.3, 2021.

SIMMEL, Georg. **Cultura filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2020.

SIMMEL, Georg. A aventura. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, BERTHOLD. **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014a.

SIMMEL, Georg. A ruína. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, BERTHOLD. **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014b.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SIMMEL, GEORG. **Philosophie des Geldes**. Duncker & Humblot. Berlin. 1958 [1900].

Artigo recebido em 01 de maio de 2022.

Aprovado em 12 de outubro de 2022.